



SOMNIUM

Nº 102 - Maio de 2012



DUDA FALCÃO
ÁLVARO DOMINGUES
CESAR ALCÁZAR
TIBOR MORICZ
MIGUEL CARQUEIJA

HÁ ESPAÇO AINDA PARA
O CYBERPUNK?

LIDIA ZUIN



120 ANOS DE TOLKIEN: A CAVERNA,
O DRAGÃO, O ANEL E O GUARDA-ROUPAS

CLINTON DAVISSON



SOMNIUM

EDITORIAL

Desde 1985, o Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC) tem uma história rica e relevante, revelando boa parte dos escritores que se firmaram como grandes nomes no fandom nacional.

Boa parte dessa história foi registrada no Somnium, o fanzine oficial do CLFC. Durante anos, foi através desta publicação que os membros do clube puderam se manifestar, expondo seus trabalhos e opiniões.

Os tempos mudam e o CLFC, que não é imune a ele, também mudou. Em lugar dos antigos encontros presenciais, das reuniões de amigos e dos grandes eventos, o CLFC tem uma presença quase que totalmente virtual. É nas listas de discussão e nas redes sociais que os membros do clube trocam informações, experiências e ideias.

Seguindo os passos do clube, é natural que o Somnium passe por mudanças também. A antiga publicação em papel foi substituída, em 2008, por uma publicação virtual, uma edição muito caprichada, preparada pela então presidente do CLFC, Ana Cristina Rodrigues.

A publicação ficou suspensa por um bom tempo. Quase quatro anos se passaram desde aquela última edição. O Somnium retornou no final de 2011, com diversas ideias e um novo formato: um blog. Neste blog, que pode ser visualizado em www.clfc.com.br/somnium, alguns talentos já consagrados e outros que começam a se firmar contribuíram com contos, artigos e re-



senhas.

Num contínuo processo de evolução, que infelizmente consumiu mais tempo do que o estimado, o Somnium agora terá novamente uma edição disponível para download. O blog vai continuar a existir, especialmente para divulgar eventos, lançamentos e resenhas. A edição para download será dedicada a contos e artigos ligados à ficção fantástica. Esta que você está lendo, por exemplo, apresenta todos os contos e artigos que foram publicados nos primeiros meses da versão em blog do Somium.

Em breve, voltaremos com mais, mas por enquanto, espero que curtam essas amostras do que os autores brasileiros de ficção científica têm realizado.

Daniel Borba

Editor

Somnium – Edição 102, maio de 2012

Editor responsável: Daniel Borba

Capa e diagramação: Marcelo Bighetti

Colaboradores: Álvaro Domingues

Cesar Alcázar

Clinton Davisson

Duda Falcão

Fábio San Juan

Lídia Zuin

Miguel Carqueija

TiborMoricz

CLFC gestão 2011-2013

Presidente: Clinton Davisson Fialho – sócio n. 546 (Macaé- RJ)

Secretario-Executivo: OsameKinouche Filho – sócio n. 186 (Ribeirão Preto -SP)

Tesoureiro: Daniel Fusco Borba – sócio n. 547 (São Paulo – SP)

Webmaster: Fábio San Juan – sócio n. 465 (Piracicaba – SP)

Contatos: contato@clfc.com.br

www.clfc.com.br/somnium

ÍNDICE

CONTOS

- 5 Sonda, por Duda Falcão
10 TRANSUBSTANCIAÇÃO, por Álvaro Domingues
15 UMA SEPULTURA SOLITÁRIA SOBRE A COLINA, por Cesar Alcázar
22 FRANCO ATIRADOR, por Tibor Moricz
27 O CAPITÃO BARBOSA, por Miguel Carqueija

ARTIGOS

- 31 HÁ ESPAÇO AINDA PARA O CYBERPUNK?
LidiaZuin
42 120 ANOS DE TOLKIEN: A CAVERNA, O DRAGÃO, O ANEL E O
GUARDA-ROUPAS
Clinton Davisson



Sonda

Duda Falcão

Sonda

Duda Falção

— Chega! Tudo o que você diz só pode ser mentira!

Apontei o revólver para ele. O suor escorria pela minha testa e a mão tremia. Onde eu devia mirar? Na cabeça ou no coração? O maldito tinha um coração? Talvez tivesse. Sua semelhança conosco provocaria admiração em cientistas desavisados. Em mim, causava náuseas. Não poderia titubear na hora de apertar o gatilho. Um momento de indecisão e a humanidade pagaria pelo meu erro. Disso eu tinha certeza.

Lembro de como as peças foram se encaixando. Sou professor. Leciono história da arte e sempre admirei o trabalho de Vincent van Gogh. Considerava magistral a série de autorretratos que ele havia pintado. As cores que usava extrapolaram a própria realidade. No último desses quadros, o pintor está com o rosto completamente desnudo, sem a famosa barba.

Nunca me enganaria. Conheço a face de Vincent. Cursei mais de uma pós-graduação pesquisando somente as obras dele. Hoje sei que Deus me colocou nesse caminho. Do contrário, como eu poderia encontrar as famigeradas cópias? No início achei que isso fosse mera coincidência.

Gosto de registrar viagens em fotografias. Quando os amigos me visitam não deixo de mostrar todos os passos de minhas últimas andanças fora de Porto Alegre. Tenho o hábito de fotografar pontos turísticos e o cuidado de registrá-los com o menor número possível de pessoas. Certo dia, prestei atenção ao rosto de um desses tantos anônimos que acabam invadindo nossas fotos. Sabia que se tratava de alguém conhecido. Qual não foi a surpresa quando associei sua face à de Vincent? De pronto, mencionei o fato para uma amiga que estava me visitando. Ela riu e continuou a ver outras fotos, sem dar importância alguma à minha cara de espanto.

Fiquei muito intrigado com aquilo. No dia seguinte, resolvi olhar novamente a fotografia. Utilizei uma lupa sobre o rosto daquela figura e tive mais certeza ainda de que se tratava dele. Vincent van Gogh na Bahia e no século XXI. Isso não estava nem um pouco certo. Era loucura. Um devaneio que começou a ficar perigoso naquele instante.

Resolvi fazer uma busca nas outras fotografias daquela viagem. É claro que Vincent não apareceu. Mesmo assim eu continuava intrigado. Não tinha de trabalhar no sábado. Seria um bom programa tomar algumas cervejas e realizar uma investigação em meus álbuns. Aproveitaria para relembrar locais de tantos acontecimentos bons e, ao mesmo tempo, abortar de uma vez por todas aquela ideia louca de que Vincent van Gogh ainda vivia entre nós.

Não demorou muito. Dessa vez encontrei Vincent na Torre Eiffel, depois na catedral de Florença rezando e também na praia de Copacabana. Comecei a procurar incansavelmente nas fotografias caseiras e nas imagens da minha própria cidade. Encontrei-o despreocupado passeando na Usina do Gasômetro. Parei de beber. Precisava colocar a mente em ordem. Aquilo não poderia ser um simples delírio. Tinha de ser ele. Mesmo que a roupa fosse diferente e os cortes da barba e do cabelo não estivessem sempre iguais.

Mostrei para quatro ou cinco amigos as fotos de Vincent viajando pelo mundo. Conforme as risadas e a pilhéria aumentavam, desisti de continuar falando sobre aquelas evidências.

Meu avô é militar reformado e possui diversas pistolas em casa. Pedi a ele um revólver emprestado. Não me sentia mais tão seguro para andar nas avenidas da cidade sem estar armado. A cada vez que circulava por ruas movimentadas, repletas de gente, meu coração batia mais forte. Depois de alguns anos daquela revelação fantástica, ou seja, a existência física de Vincent van Gogh em nosso tempo, eu o encontrei. Enfim me libertava da constrangedora amarra da loucura que eu mesmo havia me imposto.

O artista caminhava devagar, sem pressa, pelo centro da cidade. Não hesitei em segui-lo. Somente a verdade poderia trazer algum descanso para meu espírito. Ele não falou, nem mesmo cumprimentou alguém durante o curto percurso. Tirou um molho de chaves do bolso. Foi até a entrada de um prédio antigo. Aproveitando-me de sua distração, coloquei o cano do revólver em suas costelas, enquanto ele terminava de abrir a porta. Apenas ordenei que ficasse em silêncio e seguisse em frente. Logo estávamos em seu apartamento. Fechei a porta e me postei próximo a ela. Ele se afastou de mim e sem medo puxou uma cadeira tosca, na qual se sentou.

Perguntou o que eu desejava. Se quisesse dinheiro era só pegar a carteira, porém avisou que me decepcionaria, pois era pobre. Diante de meu silêncio, o pintor abriu um sorriso torto e decidiu brincar comigo:

— Você não tem cara de ladrão — afirmou. — Sabe alguma coisa a respeito de nós?

Meu sangue gelou nas veias. Ele era esperto.

— Como você pode estar vivo depois de tantos anos, Vincent van Gogh? — falei o nome completo para que não fugisse de minha pergunta com rodeios ou hesitações.

Dessa vez ele quase gargalhou, seu sorriso abriu-se em perfeita ironia. Disse:

— Não sou Vincent. Vincent se suicidou. Ele queria mais do que tudo ser humano. Essa foi sua fraqueza. Nós não somos fracos, homem. Se fôssemos, teríamos sucumbido aos caprichos da humanidade. Somos mais do que simples criaturas.

— Um homem não pode viver mais de duzentos anos. Você é igual a Vincent. Não me diga que não é ele! — esbravejei deixando que a arma ficasse bem à mostra.

— Fique calmo — ele solicitou. — Já tivemos encontros sem segredos com outros humanos. Se você apertar o gatilho não poderá ter as respostas que posso cordialmente lhe oferecer.

Insisti na ideia de que ele era Van Gogh:

— Sei que você é o pintor. É igual a ele. Vincent era humano, teve irmãos, um pai e uma mãe.

— Sim, isso é verdade — confirmou —, porém, é apenas uma parte da história. Nascemos nos ventres de suas mulheres. Mas não somos gerados por homens. Viemos do espaço e há mais de dois mil anos esperamos pela chegada de nossos criadores. Nossa tarefa constitui-se em conhecer a humanidade. Para isso, nada melhor do que viver entre vocês.

— Chega! Tudo o que você diz só pode ser mentira!

Minha mente dava voltas, como se estivesse em uma roda-gigante, desde o início daquele inferno até o encontro com a coisa. Concentrei meus esforços em manter um diálogo antes de meter uma bala na testa de meu desafeto.

— O que você é, então?

— Nós somos sondas.

Disparei o projétil do 38 mirando entre os olhos da sonda que eu pensava ser Vincent van Gogh. O corpo tremeu após o impacto. Naquele momento, não percebi a bobagem que havia cometido. A face destruída e irreconhecível daquele espécime terminou com qualquer chance de provar que sua fisionomia era igual à do pintor. Num último lapso de vida, antes de silenciar, a boca ainda se movimentou para emitir com uma voz quase mecânica:

— A invasão terá início... em breve.

The background of the cover is a deep space scene. In the center, the Earth is shown as a large, textured sphere. Surrounding it are various nebulae and star clusters, with colors ranging from vibrant blue and purple to bright white and yellow. The overall atmosphere is ethereal and celestial.

Transubstanciação

Álvaro Domingues

Transubstanciação

Álvaro Domingues

O velho pároco José caminhava pelas ruas, apesar da igreja ter adquirido um aparelho de teletransporte recentemente. Não lhe agradava ver seus átomos serem dispersos por aí. Além do mais, os cientificistas cristãos da Igreja de São Tomé teriam um prato cheio pra desmoralizá-lo em público. Desde que a seita surgira, os católicos, em especial os padres, não tinham mais sossego. Os cientificistas queriam porque queriam provas e mais provas, de fatos históricos, de milagres e dogmas. Diziam ter fé, mas queriam provas. E o pior é que achavam que os padres, por acreditarem em milagres, não deviam se utilizar de qualquer tecnologia. Uma seita completamente irracional que se dizia justamente o contrário.

A verdade é que padre José gostava de caminhar e a casa do paroquiano não era muito longe. “Dr Geraldo bem que poderia ter ido até a igreja pra se confessar”, pensou o religioso. “Talvez estivesse doente, já que não o vi na missa no último domingo. Pensado bem, não o vi no anterior. E no antes do anterior, também.” Puxou pela memória quando o vira pela última vez. Uns cinco ou seis meses, talvez. “Doente mesmo! Talvez em vez de confissão, a extrema unção!” Essa ideia lhe fez sentir um arrepio. E um pingo de remorso. Como ele, um padre tão dedicado à comunidade não percebera a ausência de uma ovelha de seu rebanho?

Apressou o passo, lamentando não ter usado o engenho de alta tecnologia da igreja. A casa do paroquiano todavia não estava tão longe e ele a alcançou em poucos minutos. Ele foi recebido na porta pelo próprio Dr. Geraldo, com uma aparência saudável, apesar do ar de cansaço.

Mal ele entrou, o homem começou a falar:

— Padre! Que bom que o senhor veio! Queria muito me confessar e não queira ir até a igreja.

Padre José ficou perplexo e perguntou:

— O que o impediria de ir a igreja? Por acaso está sofrendo de síndrome do pânico?

Geraldo riu e respondeu:

— Nem pensar! É que minha confissão tem a ver com algo que eu precisava lhe mostrar e não queria levar até a igreja, antes que um padre a visse.

— O que essa coisa tem de tão terrível?

— Não é terrível... Bem, talvez seja para os cientificistas...

— O que é então?

— É um invento! Que vai tirar esses abutres das costas da Igreja Católica pra sempre!

Padre José mostrou um ar incrédulo. Dr. Geraldo percebendo esta descrença, argumentou:

— Padre, o que eu tenho é um sintetizador de transubstanciação!

O páraço arregalou os olhos, gritando:

— Um o que?!

— Um sintetizador de transubstanciação.

— Explique!

— Vamos do começo, então. Eu percebi que as polêmicas com os cientificistas cristãos eram quase todas baseadas em cima dos eventos históricos: a virgindade de Maria, a ressurreição de Cristo, os milagres, etc.. Como aconteceram há muito tempo, nenhum dos dois lados pode provar nenhum dos fatos, já que não há provas físicas, apenas de testemunhos de pessoas crédulas ou incrédulas contemporâneas aos acontecimentos.

— Todos, menos um...

— Isso mesmo padre. A cada missa, a Igreja oferece o milagre da transubstanciação. O pão transforma-se no corpo e o vinho no

sangue de Cristo! Algo que pode ser provado por uma simples análise química. É claro que a Igreja jamais permitira uma análise destas, pois sabemos que seriam encontrados apenas pão e vinho (ou talvez vinagre...).

— Meu Deus! Não vai me dizer que..

— Sim! Eu fiz uma máquina que transforma a hóstia em carne e o vinho em sangue, desde que, é claro, tenham sido consagradas por um padre!

Padre José estava chocado, mas também curioso, e perguntou:

— Como isto é possível?

— Eu modifiquei um aparelho de teletransporte, que em vez de separar os átomos de um objeto, separa seus constituintes mínimos, prótons, elétrons e nêutrons e os reagrupa de novo de acordo com um outro padrão, previamente escolhido! Como meio de iniciar o processo eu codifiquei como senha as orações da consagração. E um reconhecimento de voz, a sua. Para aumentar a verossimilhança, a carne e o sangue têm o DNA de um descendente da casa de Davi.

Padre José mudou de expressão. Em vez de choque ou perplexidade, raiva. E ele então gritou:

— Seu idiota! Não percebe que você está fazendo o mesmo jogo dos cientificistas? Eles são incapazes de perceber que isto tudo é simbólico, metafórico, mítico! Ter uma prova para crer é justamente o erro de São Tomé. A Transubstanciação é um mistério, porque ocorre no nível espiritual. Simboliza entre outras coisas que Cristo está sempre entre nós. Religião sem mistério não é religião!

Geraldo não escondeu sua decepção. Porém a decisão do padre José era irrevogável. A absolvição estava condicionada à destruição da máquina.

O sacerdote voltou mais aliviado para a Igreja. Na próxima missa ficaria contente de que a hóstia continuaria sendo hóstia. E

com gosto apenas de hóstia...

(Nota do autor: Este conto nasceu de uma discussão no grupo do Clube dos Leitores de Ficção Científica a respeito de temas pertinentes ou não para a Ficção Científica. A religião em si, como todo tema humano, para mim, é um tema pertinente, quer o autor creia ou não. Todavia eu nunca tinha escrito nada em a que religião em si fosse o tema. O resultado deste auto desafio foi este conto.)



Uma Sepultura Solitária Sobre a Colina

Cesar Alcázar

Uma Sepultura Solitária Sobre a Colina

Cesar Alcázar

Anrath puxou com violência as rédeas do cavalo. Um grito lancinante quebrara o silêncio da madrugada e assustara o animal. Após conseguir dominar novamente sua montaria, o guerreiro perscrutou a escuridão na tentativa de encontrar a origem do ruído. Não lhe agradava nem um pouco viajar à noite, no entanto, tinha pressa de se juntar aos homens de Niall macEochada, rei de Ulaid. Niall estava reunindo tropas para saquear Dublin, e o pagamento não era de se ignorar.

O cavalo agitou-se outra vez. Não muito longe dali, Anrath avistou uma figura sombria correndo entre as árvores. Latidos e rosnados podiam ser ouvidos claramente. Instantes depois, o guerreiro viu que se tratava de um homem sendo perseguido por lobos. As ferozes criaturas o alcançariam a qualquer momento.

Com um rápido movimento, a espada do mercenário de Connacht rasgou o ar gélido do começo do inverno ao ser retirada da bainha. Ele esporeou o cavalo, que avançou a contragosto. Nesse instante, os lobos pularam sobre sua presa, que para espanto de Anrath, era um homem bastante velho.

Percebendo que o cavalo não se aproximaria mais, o guerreiro saltou para o solo, espada em punho. Os animais logo o notaram e investiram contra ele. Ávidos caninos afiados tentavam atingir sua carne. Desferindo golpes certos, Anrath eliminou duas feras. O resto da alcatéia se dividiu, três continuaram atacando a vítima original e outros três enfrentavam o mercenário. No chão, o pobre velho lutava desesperadamente pela própria vida.

O maior dos lobos cravou os dentes no braço de Anrath, por sorte protegido pela malha de metal. O animal fez com que ele rodopiasse e perdesse o equilíbrio, tamanha sua violência. Se esforçando para permanecer de pé, Anrath livrou-se do lobo, que

arremeteu mais uma vez. Um golpe instintivo interrompeu o ataque do animal, cuja cabeça revolveu no ar antes de tocar o chão.

Ao perceberem a derrota do líder do bando, o restante dos lobos recuou. Eles olhavam o mercenário com a cabeça baixa, rosnando ameaçadoramente. Anrath, por sua vez, encarou os animais direto nos olhos, sem medo. Ele alçou a espada, que refletiu os olhos das bestas. Estava preparado para mais um combate. Entretanto, os lobos retrocederam alguns passos, para depois sumirem entre as árvores.

O homem velho continuava caído e gemeu de dor. Suas vestes estavam cobertas de sangue. Fora uma luta atroz. Ele ergueu a cabeça e viu que o viajante corria para ajudá-lo. O guerreiro de longos cabelos negros e semblante melancólico ajoelhou-se diante do velho, que falou entre soluços:

– Obrigado, amigo...

Anrath examinou os ferimentos do homem. A perna estava dilacerada na altura da coxa e sangrava em abundância, entre outras escoriações menores. Não havia como salvá-lo, pois a artéria havia sido rompida.

– Não me agradeça – o mercenário falou desolado enquanto amarrava um torniquete acima do ferimento para estancar o sangue – Não cheguei a tempo.

– Sei que meu estado é grave, não se preocupe. Pelo menos ainda viverei o suficiente. Devo isso a você. Meu nome é Fearghal-macArtie.

– Anrath, de Connacht.

– Pois eu agradeço, Anrath. Não fosse por você, estes lobos teriam me jantado!

– Por que um homem da sua idade está andando sozinho à noite por essas florestas?

Os olhos de Fearghal se encheram de lágrimas e ele respon-

deu com dificuldade em uma mistura de dor e emoção:

– Eu queria ver a batalha...

– Batalha? Não há nenhuma guerra acontecendo por essas partes. Pelo menos que eu saiba.

– Eu me refiro à Batalha de Tara, meu amigo.

– Mas isso foi há muito tempo! – o mercenário exclamou confuso.

– Sim. Mais de quarenta primaveras.

– Então, o quê você esperava ver?

Fearghal fitou o mercenário, seu rosto tomado por uma expressão nostálgica. Então, vagarosamente, ele começou a explicar:

– Nossos antepassados pagãos diziam que durante o Samhain a fronteira entre o mundo dos vivos e o Outro Mundo tornava-se muito tênue, fina. Com a chegada do inverno, animais e plantas morriam em abundância, e isso permitia aos mortos andar sobre a terra novamente. Nunca quis acreditar nisso, pois sou um cristão.

O velho Fearghal fez uma pausa e o vento soprou uma triste melodia. A névoa noturna parecia agora mais espessa. Anrath terminou de amarrar os ferimentos do moribundo. Este, suspirando profundamente, continuou:

– Ouça, jovem, eu lutei em Tara na grande batalha. Agora, todos os meus companheiros daquele dia de glória já estão mortos. Sou o último que resta. Jamais me esquecerei de nossa vitória. O rei MáelSechnaill, dos UíNéill, havia chegado ao poder do Reino de Mide e possuía o apoio de Leinster e Ulster. Só assim pudemos enfrentar os nórdicos de OlafCuaran, Rei de Dublin. Os exércitos se bateram não muito longe daqui, na Colina de Tara. Ainda posso sentir a excitação do combate. Os gritos, os trovões que resultam do encontro de metal contra metal.

Fearghal olhou para o céu, agora completamente encoberto pela neblina, e suspirou outra vez. Anrath permanecia em rever-

ente silêncio. Então, o velho homem prosseguiu:

– Você tem idéia do que é uma grande batalha?

– Sim, velho, eu lutei na Batalha em Clontarf anos atrás.

– Você? Mas é claro, por isso conheço o seu nome. Você é Anrath, o Cão Negro! No entanto, não posso acreditar. O Cão Negro de que ouvi falar é um traidor cruel e sanguinário. Não um homem que ajudaria alguém como eu!

– Jamais recusei ajuda a alguém. Fiz coisas em meu passado que eu julgava serem corretas. Lutei ao lado dos vikings em Clontarf por que eles eram minha família. Sou um assassino, sim, porém não sou o monstro das histórias embriagadas que contam nas tavernas.

– Então, você realizaria o último desejo de um velho que está para morrer?

– Do que você está falando?

– Os habitantes desta região dizem que na primeira noite de Samhain é possível ver os mortos de Tara, guerreando por toda a eternidade no Outro Mundo. Quero ver a grandiosidade daquela batalha mais uma vez. Por isso vim para cá. Agora lhe peço: leve-me para a Colina de Tara, Anrath.

– Como vou levá-lo nesse estado até lá? Você morrerá rapidamente...

– Eu imploro, Anrath! Quero reviver essa glória. As estações passam, os feitos perdem sua cor, os homens esquecem. Pelo menos eu quero lembrar. Por favor, deixe-me rever a Batalha de Tara.

– Isso é loucura!

Diante da reação do mercenário, Fearghal balbuciou entre lágrimas:

– Dentro de algumas horas um novo dia nascerá, e eu não estarei mais nesse mundo. O que aconteceu em Tara se perderá para sempre. Antes de morrer, quero estar com meus companheiros.

Anrath pensou por alguns momentos. Não podia colocar o velho sobre o cavalo, pois o galope o mataria em pouquíssimo tempo. Mesmo que a Colina de Tara não fosse distante, não poderia arriscar. Ele socou o solo e embainhou a espada, resmungando quase imperceptivelmente. Então, tomou sua decisão e falou:

– Velho, eu o levarei até Tara!

O mercenário amarrou seu cavalo a uma árvore. Em seguida, tomou o velho homem nos braços e ergueu-o do solo. Teve cuidado para não lhe causar mais dor. Assim, Anrath deu os primeiros passos na direção de Tara. Fearghal, apesar do intenso sofrimento, se manteve silencioso.

Atravessaram a floresta a passo lento, observados apenas por ocasionais animais noturnos. Após cerca de meia hora, chegaram a uma clareira. Não muito distante dali, Anrath distinguiu a Lia Fáil, a Pedra do Destino, no local onde outrora eram coroados os Reis Supremos da Irlanda. O mercenário colocou Fearghal com cuidado no chão e disse:

– Chegamos, meu velho! Eis a Colina de Tara!

Fearghal olhou para o vasto terreno ondulado coberto de verde. As brumas da noite encobriam o campo e ostentavam uma coloração azulada devido ao brilho da lua. Tudo era tranqüilidade naquela paisagem. Não havia um único sinal de vida. Até mesmo o vento não soprava. Os dois homens ficaram ali parados, observando o bucólico cenário.

Desde o momento em que o mercenário o erguera do solo, o velho nada dissera. Tampouco deixara que a dor o fizesse soluçar ou gemer. Suportara com bravura cada passo dado pelo novo amigo enquanto este lhe conduzia ao seu destino final. Agora, o vazio das colinas verdejantes afligia seu peito. Teria sido tudo em vão? Iria ele morrer sem rever a gloriosa imagem do passado pela qual tanto ansiava?

O velho sentiu a vida escorregar de seu corpo como as areias de uma ampulheta. Foi então que algo o alertou. O vulto escuro

se movimentou à sua frente e logo se transformou em algo magnífico. Fearghal, enfim, exclamou:

– Lá estão eles! É maravilhoso... Você os vê, Anrath?

A luz de um relâmpago iluminou a colina e, por um instante apenas, o mercenário pôde ver milhares de homens lutando ferozmente sob a densa neblina. O clamor do choque de armas retumbou através dos ventos. Espadas, escudos e elmos emanavam um fulgor espectral na noite sombria. Em meio ao caos do combate, Anrath avistou um homem muito parecido com o velho que agora jazia em seus braços. A semelhança era impressionante, embora o combatente da visão fantasmagórica fosse muito mais jovem.

Em segundos, a visão esvaneceu e o silêncio caiu outra vez sobre a Colina de Tara. Anrath abaixou os olhos para o velho Fearghal. Um leve sorriso marcava seu rosto imóvel, com o olhar fixado no horizonte. Estava agora no Outro Mundo.

– Descanse, Fearghal... Que Macha, Morrígan e Badb te recebam!

O mercenário pousou a cabeça do velho combatente no solo. Levantou-se e começou a juntar pedras. Fearghal merecia ser sepultado no local onde se deu o momento mais importante de sua história. O lugar que ele não queria esquecer. Com o tempo, Fearghal e aquela terra se tornariam um só.

Amanhécia e as brumas se dissipavam quando o trabalho de cobrir o corpo terminou. As gotículas de orvalho acumuladas sobre o sepulcro de pedras brilharam como cristais aos primeiros raios do sol. Um descanso apropriado para um guerreiro. Um monumento para as gerações que estavam por vir.

Fearghal temia aquilo que Anrath mais desejava: o esquecimento. O mercenário olhou mais uma vez para o monte de pedras antes de partir. Os homens são apenas sombras passando pelo tempo, pensou. Ontem, este lugar foi palco da maior de todas as batalhas, maior ainda do que a minha. Hoje, tudo o que resta dela é uma solitária sepultura sobre a colina.



Franco Atirador

Tibor Moricz

Franco Atirador

Tibor Moricz

Não era mais que um pontinho lá no horizonte. Vinha em avanço gradual. Cocei o bigode, soltei um bocejo e rearrumeias pernas, descruzando-as e voltando a cruzá-las noutra posição.

Minhas botas estavam sujas de terra. Um rasgo longitudinal numa delas deixava à mostra um pedaço da meia. Olhei para o céu e perscrutei as nuvens e através delas... Como se pudesse. Uma brisa suave soprava. Diante de mim o vale se descortinava em meio a ravinas e pouca vegetação. O pó na língua formava torrões que eu cuspiava em pequenos intervalos.

Pensar em minha mãe foi simultâneo. Era obrigatório pensar nela. Todos os dias e noites, sob o sol, sob a chuva ou sob o fogo inimigo. Era uma figura renitente que, teimosa, não me abandonava. Mesmo que a tivesse abandonado há tempos.

Minha mãe... Senhora imponente em sua suposta majestade. Isso. Toda mãe se sente majestade. Seu reino... O lar, seus súditos... Os filhos. Era quase impossível não sentir o travo amargo na garganta. Quando fora? Quando? Quando foi que lhe gritei na cara para que me deixasse seguir minha própria vida? Quando foi que, em meio a impropérios – que hoje lamento não terem sido mais virulentos –, enfiei-lhe o dedo na cara e lhe disse, em alto e bom som, que eu era mais e melhor do que ela podia supor?

É... Quando?

Tem também o quando ela reunia familiares e amigos para me fazer uma festa de aniversário surpresa... Mas esses eventos eu preferia esquecer. Ocorriam sazonalmente, uma vez ao ano, discretamente camuflados entre um dia e outro.

Balancei a cabeça e estiquei o olhar mais uma vez. O pontinho ao longe já se tornara distinguível. Era uma pessoa – claro que sim, sabia desde o início –, homem ou mulher, caminhava de

maneira cautelosa. Procurava abrigo entre as rochas. Carregava petrechos que o faziam avançar com dificuldade. O que um idiota como esse estaria fazendo ali, sozinho? Não era dos nossos. Posicionei o fuzil fazendo mira. A distância era ainda grande para arriscar.

Lá vinha a minha mãe de novo. O olhar arguto me atravessando a carne como uma faca afiada. Passinhos sempre curtos, mas fortes. Cada passada forte como se quisesse fazer o mundo entender que estava ali, poderosa como nunca.

E estava.

Sempre acima de nós. Mesmo sendo de estatura média, mesmo tendo que erguer o olhar para nos encarar. Eu e meu irmão, que já não era, mas um dia foi. Não a sete palmos de fundura, que estaria muito bom. Mas espalhado em fragmentos ensanguentados. Um obus dentro da trincheira. Sem tempo para fugir. Nem para pensar. Nem para um “ai”.

Era ela a responsável... A maldita.

Claro que sim. Quem mais poderia? Ela iniciou a guerra, nos alistou, reuniu o inimigo, indicou a trincheira, fabricou o obus, deu as coordenadas, disparou e gargalhou a morte do próprio filho... Maldita.

Descruzei as pernas e bati com as botas no chão, fazendo levantar uma pequena nuvem de poeira. Coloquei-me de joelhos e projetei o corpo para frente, procurando o defunto que caminhava no vale.

Lá estava ele. Era homem. Talvez uns vinte anos de idade. Três a menos que eu. Aparelhado. Uma mochila larga às costas. Um fuzil pendurado no ombro, olhar perdido no caminho.

O destino o aguardava nas alturas. Sentei sobre os calcanhares, abri o cantil e bebi um gole de água. E a maldita voltou a ocupar minhas lembranças. Como no dia em que enfiou o cabo do guarda-chuva na garganta do senhor Clinton. Queria me defender, a idiota. Acabou por me colocar em maus lençóis. Ou

quando teimou que Susan não era mulher para mim. E não era mesmo, mas ela jamais poderia ter se metido nisso. Ou quando disse a Joe, meu irmão despedaçado, que jamais permitiria que ele se alistasse no exército. Que era o caçula, o desprotegido, o incauto, aquele que deveria ser um modelo dentro de casa. Que não deveria seguir meus maus exemplos.

Claro que ele disse a ela pra não se meter.

E da vez quando papai, completamente bêbado, começou a quebrar os móveis da sala. Mamãe, de certa forma, o ajudou. Pegou um vaso e o colocou pra dormir em meio aos cacos. Fora horrível, de uma agressividade desnecessária.

Eu e Jorge assistimos a tudo, encolhidos num canto. Cabelos desgrenhados, marcas pelo corpo, sangue escapando dos lábios. Atônitos após a surra que levamos dele, atônitos pela reação de mamãe. Atônitos por termos sido tão veementemente defendidos sem que pudéssemos demonstrar nossa força.

Tudo bem... Éramos crianças. Mas crianças com opinião própria. Tínhamos braços e pernas. Tínhamos cérebro. Tínhamos vontade.

“Vão morrer, os dois!... Vão morrer!”, gritou mamãe quando fomos chamados ao front. Os perdigotos espirraram em nossas faces. O rosto dela, sempre tão forte, tão vigoroso, desmoronava diante de nós. Vimos o veneno escorrer.

Ou teria sido medo?

Nunca tivemos chances de voltar a vê-la. Ela morreu naquele mesmo verão. Falência múltipla dos órgãos. Metástase. Câncer de pâncreas não detectado até que fosse tarde demais. Morreu antes de Jorge. Morreu depois de papai.

Jamais abri as suas cartas. Para quê? Para ter que enfrentar uma sabedoria sempre indiscutível? Para ter que engolir sem chances de resposta as súplicas, as recomendações?

Respirei fundo e elevei os pensamentos a Joe. Onde quer que

estivesse. Talvez no inferno. Claro que mamãe estaria lá, se assim fosse. Enfiando o cabo do guarda-chuva na garganta do diabo e colocando Joe em ainda piores lençóis.

Aprumei o corpo. Recolhi duas lágrimas teimosas e posicionei o fuzil. Mamãe... Ainda tínhamos assuntos a acertar. Conversas a tecer. Posições a discutir. Projetei o corpo para frente e procurei o alvo, arma engatilhada.

Lá estava ele.

Agachado próximo a um arbusto. Ajoelhado. A arma empunhada, o cano erguido. Quase um reflexo meu. Um espelho bizarro posicionado no vale, refletindo mais que a minha pessoa... Quase a minha alma.

Afrouxei o aperto no gatilho e sorri com alguma ansiedade. Pensei em Jorge e em mamãe. Dei uma risadinha nervosa. Vamos aproveitar a chance, certo? É isso aí. Vamos aproveitar...

O estampido ecoou pelo vale, desaparecendo ao longe.

Mantive a posição. Arma nas mãos, cano apontado para baixo, dedo trêmulo no gatilho. Nos olhos a opacidade. Antes de cair do penhasco ainda consegui concatenar um breve pensamento. Alguma coisa a ver com mamãe.

Algo indistinto, como um vago sorriso de boas vindas.



© Capitão Barbosa
Miguel Carqueija

© Capitão Barbosa Miguel Carqueija

– Temos um problema sério, Capitão Barbosa – disse o imediato Zé Peroba.

– Não me traga problemas, traga soluções – respondeu Barbosa, enquanto traçava a sua feijoada mineira.

– Mas Capitão, o caso é urgente!

– O que pode ser tão urgente assim? Estamos sendo atacados por uma esquadrilha de discos voadores?

– Pior, meu capitão, muito pior. O Tadeu se plantou dentro do banheiro e não sai, e já tem cinco na fila!

– Mas não dá para aguentar um pouco?

– É claro que não, Capitão Barbosa! Não depois daquele vat-ápá que a gente comeu... E o pior é que eu sou o último da fila!

– Pombas... Bom, ele não deve demorar, afinal...

– O senhor que pensa. Ele entrou com uma revista de quadrinhos...

– O que diz? Um gibi?

– Pior, Capitão, muito pior. Um mangá.

– Hein?

– Mangá, Capitão Barbosa. Aquela HQ japonesa, que a gente lê de trás para diante...

– Sim, eu conheço, aliás nem sei porque é que os brasileiros pegaram essa obsessão de mangá....

– E o senhor sabe como é... Mangádemora para ler... Sempre tem vários capítulos por volume...

– Ah, sim... E como é que você sabe disso?

– Capitão, não dá para discutir isso agora... Será que a gente pode arrombar a porta?

– Ah, é? Se vocês danificarem a nave eu terei que pagar do meu salário, que já é tão minguado! Acho melhor vocês usem uns sacos de lixo e jogarem no incinerador!

– Bem... Bem... Com licença – e Zé Peroba saiu atarantado, sem nem se lembrar de fazer continência.

– Com um milhão de estrelas de neutrons! – queixou-se Barbosa. – Só essas naves brasileiras são construídas com um só banheiro! Já cansei de mandar ofícios à Secretaria de Assuntos Espaciais...

– E tem mais – disse uma voz feminina adocicada, soando pelo alto-falante do teto – as espaçonaves japonesas, chinesas e norte-americanas dispõem até de quatro ou cinco banheiros!

Barbosa acionou o holograma de mulher que personificava a nave Antaprise, já que não gostava de conversar com paredes. Apareceu uma garota tipo havaiana, vestida com um sarong(obviamente ele não aprovava aqueles hologramas de naves vestindo sóbrios trajes oficiais), que acrescentou:

– Por que você mesmo não constrói o segundo banheiro? Aliás isso é uma vergonha: tinha que ter pelo menos um para homens e um para mulheres.

– Eu sei disso. É por isso que não se consegue mulheres na tripulação de uma astronave brasileira! Eta país problemático! Mas não posso bancar uma obra dessas em você. Não com o salário miserável que o governo brasileiro me paga!

– Capitão Barbosa, quero lhe avisar que estamos com um novo problema, e esse é sério mesmo. Um dos disjuntores fundiu, um meteoro atingiu o nosso giroscópio e estamos em rota de colisão com a superfície de Marte.

– Hein? O que? Por que é que você não me alertou antes?

– Bem... Eu queria ter feito... Mas o senhor estava tão ocu-

pado com o assunto do banheiro...

– Mas que droga! (ele falou outra coisa – mas foi censurada, como nas legendas dos filmes americanos) Você já tomou alguma providência?

– É claro, Capitão. O senhor sabe que, desde que as naves se tornaram inteligências artificiais, pessoas como o senhor passaram a ser meramente decorativas. Já pedi socorro, e está vindo uma esquadrilha da Frota para nos ajudar.

– Ah, bom! É claro... Aqui tem muitas vidas humanas para preservar...

– Que vidas humanas, Capitão Barbosa? Eles não querem é que a superfície de Marte seja danificada!



Há espaço ainda para o cyberpunk?

Lidia Zuin

Há espaço ainda para o cyberpunk?

Lidia Zuin

Há dois anos, eu apresentei na minha antiga faculdade, Cásper Líbero, a monografia de iniciação científica *WiredProtocol7: Um estudo sobre Serial ExperimentsLain e a alucinação consensual do ciberespaço*. Ela, que na verdade foi concluída em 2009, abriu-me caminhos para um gênero que, já na época, encontrava-se um tanto estagnado no mercado editorial brasileiro e internacional. Dizem que o cyberpunk está morto, porque já o vivemos agora – daí a transformação do cyber em nowpunk. E, nesse sentido, é possível observar que vários escritores que fizeram parte da criação do cyberpunk estão migrando para gêneros como a darkfantasy ou a fantasia urbana.

John Shirley e RudyRucker, por exemplo, fazem parte da primeira geração do cyberpunk, junto de Bruce Sterling, William Gibson, NealStephenson e Pat Cadigan. Ambos, em suas mais recentes obras, produziram histórias mais voltadas à fantasia que à ficção científica. Shirley, que em 2009 publicou *BleakHistory*, tem seu livro descrito como “uma quase fusão do cyberpunk com a fantasia urbana”, enquanto *Jim andtheFlims*(2011), de Rucker, pula de cabeça na fantasia. Em entrevista para o io9, o escritor explica que “certos tipos de ciência se tornaram um pouco monótonos e desestimulantes”: “Relatividade, mecânica quântica, biotecnologia, realidade virtual – elas estão um tanto velhas. Eu gosto da ideia de uma nova ciência que é tão exagerada e estranha que parece magia. Como você a encontra? Comece com magia, então siga o caminho contrário direto para um tipo de ciência louca do futuro que seja capaz de justificar”. Como a reportagem indica, Rucker já havia publicado em seu blog que estava “cansado de lidar com explicações para coisas estranhas em seus livros”.

Mas quem disse que fazer ficção científica é fácil? Em 2010, quando organizei o evento *Science’n’Fiction* na Cásper, tivemos a participação de dois físicos: João Zuffo e João Kogler, ambos

profissionais do Departamento de Sistemas Eletrônicos da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. O primeiro apresentou uma série de gráficos, vídeos de robôs e outras inovações tecnológicas recentes que induziu à ideia de que a ficção científica e a ciência caminham lado a lado – inclusive, Zuffo é autor do romance de ficção científica *Flagrantes da Vida no Futuro* (Editora Saraiva, 2007).

Já Kogler deu seu depoimento pessoal, lembrando-se de quando era criança e como havia um encantamento por filmes e seriados, como *Star Trek*, os quais o teriam influenciado a se tornar o cientista que é atualmente. Tal relação binômica se dá de maneira dual, uma vez que tanto a ciência pode influenciar a ficção científica quanto o contrário. Neste caso, é só pensar nos primórdios da FC para lembramos de grandes nomes da *hard sci-fi* como Arthur C. Clarke e Isaac Asimov, inventor e professor de bioquímica respectivamente. O autor de *2001: A Space Odyssey* (1968) aopublicar o artigo “*Extra-Terrestrial Relays — Can Rocket Stations Give Worldwide Radio Coverage?*” (1945) na *Wireless World*, revista britânica de entusiastas do rádio e da eletrônica, influenciou na criação dos satélites geoestacionários, os quais orbitam na então chamada “Órbita Clarke”. Na verdade, Clarke só popularizou um conceito já discutido em 1928 por Herman Potočnik, cientista de foguetes austro-húngaro. Isto é, a ficção científica é capaz de comunicar e interpretar ideias reservadas ao âmbito das ciências, proporcionando não apenas uma leitura leiga como uma inspiração científica.

O amolecimento da FC

Mas já que a *hard sci-fi* era tão apegada assim ao positivismo e ao método cartesiano, à grande preocupação em explicar tudo minuciosamente de acordo com a lógica das ciências exatas, foi nos anos 1980 que surgiram os “punks” da FC, os quais sugeriram uma versão *soft* da ficção científica. Acompanhando as inovações tecnológicas na área da cibernética, o sexteto de escritores iniciou o *cyberpunk* com ideias menos “duras”, mais preocupadas com as experiências proporcionadas por um mundo em que a tecnologia

é muita e a qualidade de vida é pouca (*high tech, lowlife*, lema do cyberpunk).

Depois das distopias de George Orwell e Aldous Huxley, da Segunda Guerra Mundial, da Guerra Fria, mais a Guerra no Vietnã e tantas outras, foi natural o crescimento de uma falta de perspectiva por parte da juventude (*no future*, como cantava o Sex Pistols em *GodSavethe Queen*). O niilismo prosperava por toda a América, especialmente na Latina, que apelidou os anos 80 como a “década perdida” devido à estagnação econômica. Ainda assim, foi uma época de grande pesquisa na área da cibernética e de início da cibercultura, já que em 1988 houve a abertura da rede mundial de computadores, antes apenas acessível às universidades e aos militares, para interesses comerciais – mais tarde, nos anos 1990, ganhando sua versão World Wide Web (WWW). Aliás, em termos de cibercultura, estuda-se a internet até hoje conforme o termo “ciberespaço”, cunhado justamente por Gibson em suas ficções. Ou seja, o cyberpunk já nasceu dentro de um contexto tecnológico, como explica Bruce Sterling, no prefácio da antologia *Mirrorshades*:

Os *cyberpunks* talvez sejam a primeira geração a crescer não somente dentro da tradição literária da ficção científica, mas em um mundo verdadeiramente de ficção científica. Para eles, as técnicas da “*FC hard*” clássica – extrapolação, alfabetização tecnológica – não são ferramentas literárias, mas um auxílio para a vida cotidiana (apud FERNANDES, 2006, p.51).

Então, por que escutamos que o cyberpunk está morto, uma vez que já vivemos num mundo cyberpunk? Talvez porque alguns imaginem que o gênero tenha ficado estagnado no pensamento e estética dos anos 1980, não se atualizando para entender o mundo na época atual. Mas, seguindo essa lógica, teoricamente, a vertente já nasceu velha, uma vez que, como Gibson brinca no prefácio de *Neuromancer*, ele foi capaz de “prever” o ciberespaço e influenciar todo um comportamento hacker, mas não conseguiu “imaginar” o telefone celular. Isso porque em 1973, Martin Cooper, pesquisador e executivo da Motorola, já havia montado

o primeiro telefone móvel analógico, além de a primeira geração (1G) de celulares ter sido lançada em 1979, no Japão. No entanto, a verdadeira utilização da telefonia móvel só aconteceu nos anos 1990, com a chegada da segunda geração (2G).

Mas essas constatações não devem ser utilizadas como uma arma contra Gibson, já que a ficção científica não tem como propósito prever o futuro, mas criar situações fictícias mais ou menos prováveis de acordo com uma lógica científica mais ou menos estrita. Reforçando, o *cyberpunk* ou a *soft sci-fi* não tinha (ou não tem) tanto comprometimento com as ciências duras ou exatas como a *hardsci-fi*. O *cyberpunk* trouxe muito mais um comportamento e um pontapé inicial para quebrar a porcelana intocável das obras da geração dos anos 30. No fanzine *CheapTruth*, lançado em 1982 por Bruce Sterling, Lewis Shiner escreveu, sob o pseudônimo de Sue Denim, sobre a *hard sci-fi* como uma ficção científica moralista, “do tipo que a mãe e o papai gostam e permitem” (apud FERNANDES, 2006, p.52), acrescentando que:

Talvez as pessoas que votam nos [prêmios] Nebula ainda tenham medo de suas mães e pais; talvez eles próprios ainda não sejam mães e pais. Isto explicaria por que eles não votam em livros com ideias de verdade, sexo de verdade e linguagem de verdade (apud FERNANDES, 2006, p.52).

E, realmente, uma das cenas de sexo mais interessantes que já li foi justamente num livro de *cyberpunk*, especificamente o *Count Zero*, de William Gibson, traduzido por Carlos Angelo e publicado no Brasil pela editora Aleph:

E, aos poucos, sem palavras, ela lhe ensinou um novo tipo de desejo. Estava acostumado a ser servido, a ser atendido anonimamente por profissionais experientes. Agora, na caverna branca, ele se ajoelhava nos ladrilhos. Baixava a cabeça, lambendo-a, o sal do Pacífico misturado à umidade da mulher, o frescor das coxas envolvendo seu rosto. Com as mãos apoiando os quadris dela, ele a segurava, erguia-a como um cálice, seus lábios pressionando com firmeza, enquanto a língua buscava o local exato, o ponto, a frequência que a faria chegar lá. Em seguida, com um grande sor-

riso, ele subiria nela, a penetraria, e acharia seu próprio caminho até lá (GIBSON, 2008, p.18)

Isso tudo para depois descobrir que a mulher com quem o personagem se relacionava foi contratada para espioná-lo. Com o perdão do *spoiler*, mas é necessário destacar como o cyberpunk não só quebra com o moralismo e com o mundinho perfeito da antiga FC trazendo tais reviravoltas, como também tem um estilo totalmente cru. Sem muitas firulas na linguagem, o cyberpunk constrói um mundo *noir* e que acha sua própria elegância na sargeta: prostitutas, *junkies*, ciborgues periféricos, paraísos tropicais permeados por tecnologia e comércio ilegal, *femme fatale*, “samurais de asfalto”, armadilhas e perseguições, estereótipos azedados pelo niilismo etc.

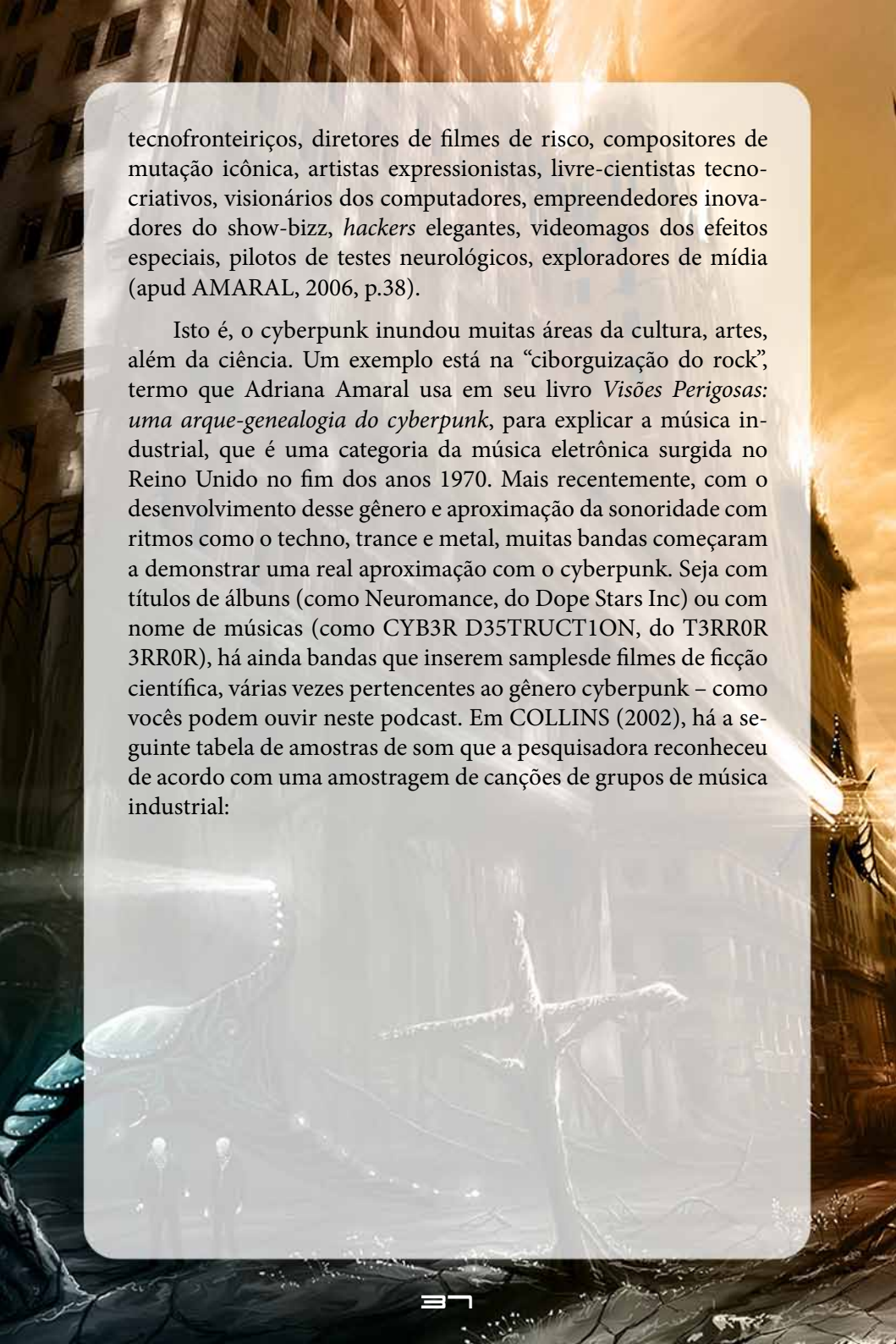
Além dos livros

O cyberpunk não criou apenas uma literatura, mas uma postura, uma subcultura. Em AMARAL (2006), descobrimos a ligação da subcultura gótica com a cyberpunk, hacker, clubber e outras. Percebemos, com a leitura do livro da professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, que é como André Lemos, professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), aponta em *Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea* (2002):

A cultura cyberpunk não é somente uma corrente da Ficção Científica, mas um fato sociológico irrefutável, uma mistura de esoterismo, programação de computador, pirataria e Ficção Científica, influenciada pela contracultura americana e pelos humores dos anos 80. Cultura hiper-tecnológica, ela está presente em vários países, com formas diferentes de expressão. A atitude cyberpunk é, acima de tudo, um comportamento irreverente e criativo frente às novas tecnologias digitais (apud AMARAL, 2006, p.39).

E também como Timothy Leary, neurocientista e futurista, diz em *The cyberpunk: the individual as reality pilot*(1988):

Cyberpunks são os inventores, escritores inovadores, artistas



tecnofronteiriços, diretores de filmes de risco, compositores de mutação icônica, artistas expressionistas, livre-cientistas tecno-criativos, visionários dos computadores, empreendedores inovadores do show-bizz, *hackers* elegantes, videomagos dos efeitos especiais, pilotos de testes neurológicos, exploradores de mídia (apud AMARAL, 2006, p.38).

Isto é, o cyberpunk inundou muitas áreas da cultura, artes, além da ciência. Um exemplo está na “ciborguização do rock”, termo que Adriana Amaral usa em seu livro *Visões Perigosas: uma arque-genealogia do cyberpunk*, para explicar a música industrial, que é uma categoria da música eletrônica surgida no Reino Unido no fim dos anos 1970. Mais recentemente, com o desenvolvimento desse gênero e aproximação da sonoridade com ritmos como o techno, trance e metal, muitas bandas começaram a demonstrar uma real aproximação com o cyberpunk. Seja com títulos de álbuns (como *Neuromance*, do *Dope Stars Inc*) ou com nome de músicas (como *CYB3R D35TRUCT1ON*, do *T3RR0R 3RR0R*), há ainda bandas que inserem samples de filmes de ficção científica, várias vezes pertencentes ao gênero cyberpunk – como vocês podem ouvir neste podcast. Em COLLINS (2002), há a seguinte tabela de amostras de som que a pesquisadora reconheceu de acordo com uma amostragem de canções de grupos de música industrial:

Table 1.3. Categorisation of 1069 Industrial Sample

| Source | Number Of Samples |
|--|-------------------|
| Science Fiction Films [of which Dystopia] | 368 [224] |
| Horror Films | 272 |
| Drama Films | 101 |
| Politics & Public Figures | 100 |
| Action Films | 89 |
| War Films | 46 |
| Comedy Films | 32 |
| Documentary | 22 |
| Television: News, Advertising or Game Shows | 12 |
| Animation | 11 |
| Games (PC, etc.) | 8 |
| Musicals | 3 |
| Radio Broadcasts and Station Calls | 3 |
| Pornographic Films | 2 |

Nessa mesma obra, aliás, a autora insere uma citação de Bruce Sterling, que diz:

Conforme a conexão [entre a música industrial] com o cyberpunk continua, é realmente muito óbvio saber como isso tudo começou. A música industrial está tratando da tese do “homem assimilado na máquina” desde seu início. A SRL, Industrial Records, PortionControl e tantos outros sabem quantos outros músicos e artistas performáticos incorporaram [o cyberpunk] às suas criações (apud COLLINS, 2002, p.95).

• Ano passado, por exemplo, o Partido Pirata alemão passou a utilizar como “hino” de sua causa a música *Lies Irae*, da banda italiana Dope Stars Inc. Ela, que segue uma premissa bastante

fundamentada no cyberpunk, disponibilizou o último álbum, *Ultrawired*, gratuitamente na internet. A canção, que brinca com o título de uma das partes do Réquiem (*Dies Irae*), diz:

“We are living just to surf, cut, copy, paste
We are connected through our cyberspace
and every chatroom is the mother base
We know you’re quick to hide and cover up the facts
But We discover all of your hidden tracks
We’re changing all the rules of the game!
Ooooh,
we’re gonna hack their base
we’re the truth to face
peer-to-peer cyberspace
(...)
we are a generation of terabytes
we have no leaders, just our crazy hives
We’re gonna win this fight in any way
you want to be a part of the new era
And we no longer listen to your lies
We don’t believe in anything you say!” (Song Meanings)

E essa canção foi lançada bem próxima à época em que o Wikileaks estourou. Ou seja, faz sentido dizer que já vivemos o cyberpunk, mas Sterling, Gibson, Shirley, Rucker, Stephenson e Cadigan também, em 1980. Não é desculpa. Hackers já existiam naquele tempo (o nome cyberpunk veio de um conto de Bruce Bethke, que teve seu computador invadido) e continuam firmes até hoje, seja adquirindo informações confidenciais de governos, seja agindo por uma causa, como os Anonymous, ou agindo como crackers, ripando jogos e softwares para serem disponibi-

lizados gratuitamente na rede, compartilhando arquivos e “quebrando as pernas” da indústria fonográfica. É igual e é diferente. Mas quantos estão aproveitando essa onda para criar?

A resistência

A trilogia *Millenium* (2008-2009), escrita pelo sueco Stieg Larsson, apesar de não ser uma obra cyberpunk, trouxe como protagonista uma hacker que ajuda na investigação de um jornalista. Os filmes *Terminator Salvation*(2009), *Surrogates*(2009), *Repo Men*(2010) e *Sleep Dealer*(2008) trabalharam com diferentes noções de realidade virtual. O anime *Ergo Proxy* (2006) aborda um futuro pós-apocalíptico com robôs e inteligências artificiais, enquanto o game *Deus ex: Human Revolution*(2011) foi um prequel da série que discutiu os limites da humanidade quando detentora de uma alta tecnologia. Já os seriados *Dollhouse*(2009-2010) e *Caprica*(2011) levaram à TV diferentes versões do cyberpunk, sendo que o último abordou muito profunda e interessantemente a questão da realidade virtual e do pós-humanismo, da possibilidade de transferirmos nossa consciência para uma máquina. Nos quadrinhos, *Transmetropolitan*(1997-2002) é o que se destaca, principalmente ganhando o título de pós-cyberpunk – que é um rótulo com o qual eu não concordo, mas que não vem ao caso agora.

Enfim, se me perguntassem o que eu acho das considerações de Rucker ao io9, eu diria que ele está sendo preguiçoso (risos). É claro que para escrever uma boa ficção científica cyberpunk é preciso certo conhecimento científico e/ou pesquisa, mas nada que necessite um título em matemática, física ou bioquímica. Agora, se o caso é a falta de interesse do mercado editorial ou dos leitores, deixo em aberto essa questão. Até porque continuamos vendo resquícios, como os mencionados no parágrafo anterior, assim como em nosso próprio solo, com autores como Roberto de Sousa Causo, que “milita” na causa desde os anos 1990, junto de Fábio Fernandes (*Os Dias da Peste*, 2009), Richard Diegues (*Cyber Brasileira*, 2010), Carlos Orsi (*Guerra Justa*, 2010), Mario Kuperman (*Labirinto Digital*, 2005), LuisBras (*Paraíso Líquido*,

2010), além da antologia *Cyberpunk: Histórias de um Futuro Extraordinário* publicada pela Tarja Editorial em 2010 e do Duplo Cyberpunk (2010), com os contos de Roberto de Sousa Causo e Bruce Sterling.

Por isso, não se rendam às fumacinhas encantadoras do Steampunk ou às maravilhosas histórias da fantasia: o cyberpunk foi nos anos 80/90 e o cyberpunk é agora!

Referências

ANDERS, Charlie Jane. Why do so many former cyberpunk authors now write dark fantasy? In: io9. Disponível em: <<http://io9.com/5795217/why-do-so-many-former-cyberpunk-authors-now-write-dark-fantasy>>

AMARAL, Adriana. *Visões Perigosas: Uma Arque-Genealogia do Cyberpunk*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006

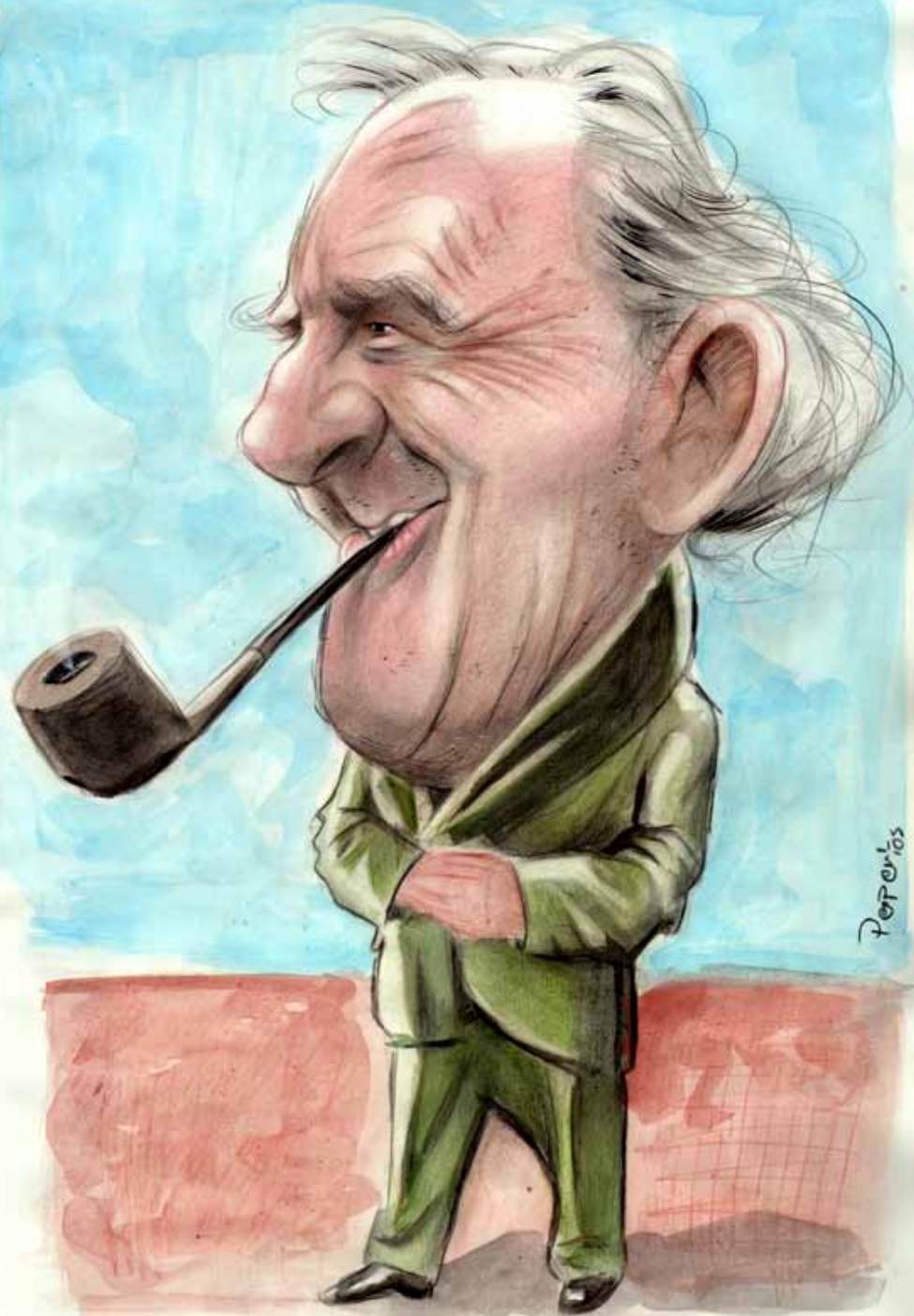
COLLINS, Karen E. "The Future is Happening Already": Industrial Music, Dystopia, and the Aesthetic of the Machine. Ph.D. Thesis. Liverpool: University of Liverpool, 2002

_____. Dead Channel Surfing: the commonalities between cyberpunk literature and industrial music. *Popular Music* (2005) Volume 24/2. Cambridge University Press, pp. 165-178

FERNANDES, Fábio. *A construção do imaginário cyber*. William Gibson, criador da cibercultura. Editora Anhembi Morumbi, 2006

GIBSON, William. *Count Zero*. Tradução: Carlos Angelo. São Paulo: Editora Aleph, 2008

STERLING, Bruce; CAUSO, Roberto de Sousa. *Duplo Cyberpunk: O Consertador de Bicicletas e Vale-Tudo*. São Paulo: Devir livraria, 2010



Peperios

120 anos de Tolkien: A Caverna, o Dragão, o Anel e o Guarda-roupas

Clinton Davisson

Conheci Tolkien na primeira metade da década de 80 graças ao trailer de O Senhor dos Anéis de Ralph Bakshi, aquele desenho animado esquisito, carregado de clima sombrio. Demorou um ano para arrumar o vídeo mesmo, mas o trailer já me fazia tremer de excitação com aquele universo sinistro e rico. Anos mais tarde já conhecera, também através de desenho, o universo de Nárnia, quando a Rede Globo passou, num domingo, o desenho O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupas, feito pelo mesmo Bill Melendez que trouxera a turma do Charlie Brown. Eram universos vivos, pulsantes, tão reais quanto a minha vida pacata em Volta Redonda. Dava para ver que a família do Senhor Castor possuía uma história e que Gollum realmente tinha um passado de sofrimento e tormento. Bem diferente dos desenhos que via na TV na época. O Homem-Pássaro, por exemplo, certamente vivia sentado naquela sala, único cômodo de seu quartel general e não tirava aquela máscara nem para ir ao banheiro. Tomar banho então, impossível. Aliás, o cara não devia nem comer alguma coisa para viver, só ficava lá, esperando um vilão para enfrentar.

Mais tarde veio o desenho Caverna do Dragão, talvez a maior das injustiças da mídia mundial pois, cancelado nos EUA, é um marco cultural no Brasil, sendo amplamente conhecido por pessoas de todas as idades (eu sei porque perguntei para jovens nas escolas de hoje e a popularidade continua soberana) mesmo após 25 anos do cancelamento.

Embora chupasse elementos da mitologia de Tolkien, Caverna do Dragão é muito mais um plágio descarado da obra de C.S. Lewis. Acho estranho que as pessoas se assustem quando eu

digo isso. Mas está na cara: jovens encontram uma passagem para outro mundo, recebem armas mágicas e são perseguidas pelo bruxo(a)ditador (a) local, auxiliados por uma entidade (Aslam/Mestre dos Magos) que parece saber de tudo, mas não conta por pura sacanagem.

Todos estes desenhos precederam a literatura no meu caso. Fui ler Tolkien em 1985. Na época, era difícil encontrar livros do sul-africano. Dependia de uma única livraria em Volta Redonda inteira, a Veredas(que existe até hoje). Não havia aquela coisa de pedir pela internet (não havia nem internet, bom deixar claro para a geração de hoje). A Sociedade do Anel foi fácil, agora As Duas Torres foi épico, só achei edição de português lusitano. O que deixou a saga ainda mais com cara de medieval para mim. O Retorno do Rei apareceu um ano depois em “brasileiro”. C.S. Lewis então, fui ler em 2004, quando anunciaram o filme de “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupas”.

Como tudo que é feito por seres humanos, a obra de Tolkien não está livre de defeitos. Aquela inocência dos personagens e o discurso fascista de tudo que é belo é bom, são, em minha humilde opinião, perdoáveis e, cá para nós, até desejáveis nessa época em que tudo tem que ser politicamente correto. O que me incomoda pessoalmente sempre foram aqueles capítulos intermináveis narrando montanhas ao longe de manhã, montanhas ao longe à tarde, montanhas ao longe à noite. Por isso pulei de alegria quando, no cinema, tudo aquilo virou um *travelling* com música alta e um *fade*. Outro problema corrigido no cinema foi a falta de mulheres ativas na história. Não, não sou daqueles que reclama do relacionamento esquisito de Frodo e Sam, acho até que isso vai depor a favor de Tolkien no futuro, quando, segundo Irvine Welsh, todo mundo vai ser gay. Acho até esquisita a obsessão de algumas pessoas em relação a isso, pois, em Moby Dick, por exemplo, o capitão Ahab tem um menininho ao seu dispor em sua cabine e o próprio Ismael, personagem principal, casa com o índio Queequeg literalmente logo no início do livro. Mesmo quando a homossexualidade está sendo amplamente debatida, focam em Sam e Frodo e esquecem de Ismael e Queequeg.

Resumo da história, a sexualidade de Frodo e Sam realmente não me preocupa porque não me interessa.

Influência ativa na atualidade

Mesmo 39 anos após sua morte, John Ronald Reuel Tolkien ainda é influência presente nas obras de fantasia no mundo todo. Trata-se daqueles casos em que a influência é tão poderosa a ponto de virar padrão. Mais ainda, a busca por quebrar, superar, ou simplesmente mudar esse padrão virou uma espécie de Santo Graal da literatura fantástica.

Atualmente o marketing de George R. R. Martin no Brasil flerta com a possibilidade do advento de um “Tolkien para adultos” já que há uma maturidade maior na história das Crônicas de Gelo e Fogo. Personagens mais modernos e menos infantis. Se isso se traduz em um autor melhor ou em uma história melhor, é algo muito subjetivo. Mas o fato é que difícil falar de Martin, sem falar de Tolkien. E para falar de Tolkien, não precisamos mencionar ninguém.

Temos também dos ingleses Neil Gaiman e China Miéville venerados, tanto pela crítica, quando pelo mercado editorial, por conseguirem romper em parte a fórmula de anões, magos, elfos e cavaleiros. O local de mineração continua sendo lendas antigas europeias (no caso de Miéville há elementos de outras mitologias), mas o resultado é bem criativo e ousado.

Imitadores ruins e o mercado

Há algo intrigante em relação ao mercado mundial literário, que passa por uma fase revolucionária que começou com Harry Potter e continuou com Crepúsculo. Semelhante ao que aconteceu em 1977 com Star Wars onde as crianças deixaram de ser um tempero e passaram a ser o prato principal da indústria cinematográfica, fazer livros para adolescentes virou o foco do mercado editorial.

É bom deixar claro que, quando digo “imitadores”, estou querendo dizer, na verdade, autores que são influenciados de

alguma forma por Tolkien. Dentre eles, temos J.K. Rowling. A qualidade de Harry Potter é debatida por alguns críticos, pode haver um furo aqui e ali, mas o fato é que o bruxinho não pode ser taxado de mal escrito impunemente. Ao contrário, chegou-se a insinuar que Rowling usava *ghost-writers* para “terceirizar” as histórias. Um crítico chegou a dizer: “Ninguém faz livros de tanta qualidade em tão pouco tempo”. Pessoalmente, acho Rowling genial. Sabe construir personagens adoráveis com os quais nos identificamos. E ainda teve a sorte de ser transportada para o cinema por cineastas competentes.

Embora não possamos considerar Stephanie Meyer como uma imitadora de Tolkien, ela é uma das locomotivas que puxam essa revolução literária. Crepúsculo já é um livro ruim de defender, com uma autora pertencente a uma religião que defende abertamente que os negros são descendentes de Cain, e gerou filmes de gosto duvidoso, mas ainda há algo carismático na história meio Romeu e Julieta, meio A Bela e a fera. Sua temática machista e moralista encontrou terreno fértil nos EUA de Bush Jr e vem fazendo uma legião de fãs no Brasil aonde a longevidade do governo petista vem fazendo crescer uma “consciência reacionária anti-petista” com um discurso de “retorno da tradição, religião e família” que flerta com o nazismo. Apesar disso tudo, Crepúsculo ainda é legal de assistir (confesso que só li o primeiro livro e não gostei).

O problema maior começa com a falta de qualidade das obras que vem na cola destas locomotivas de olho nesse novo público infanto-juvenil. Porque grande parte dos adolescentes não tem muito critério para ler. O que era uma opção de Tolkien por um clima mais inocente e infantil, virou uma regra para os imitadores.

A busca por uma nova linguagem ou mesmo por novos cenários e novas temáticas, deu lugar para o “mais do mesmo”. Com uma história copiada de Star Wars e um cenário copiado de Tolkien, o Christopher Paolini virou pesadelo de críticos, mas fez a alegria do mercado e virou síntese de imitadores ruins de

Tolkien.

O que acontece no Brasil que me deixa preocupado não é a quantidade de imitadores de Tolkien, mas a falta de criatividade, de bagagem literária e personalidade desses imitadores. Como o mercado está próspero, o que acontece é uma profusão de livros com temáticas de idade média europeia sem se dar ao trabalho de fazer uma pesquisa maior sobre o assunto.

O natural seria se voltar para a cultura nacional, mas aí entra o preconceito do brasileiro classe média pela cultura do próprio país. Confesso, por exemplo, que embora seja fanático por futebol, não morro de amores por samba, e Carnaval para mim seja época de viajar e ficar bem longe... do Carnaval. Tudo bem, questão de gosto, mas vejo certos exageros. “O problema dos autores brasileiros é que insistem em querer nos empurrar essas coisas nacionais que não nos interessam”, bradava um imbecil numa comunidade do Orkut anos atrás, como se falar de coisas nacionais fosse como tentar vender uma droga para seu filho.

Claro, durante muitos anos a única referência das lendas nacionais estava atrelada ao – excelente – trabalho de Monteiro Lobato e suas adaptações televisivas para o mundo infantil. O atual guru do Youtube, PC Siqueira, afirmou: “Não vou me assustar com uma história de Saci. Quem vai se assustar com um bichinho que dá nó em rabo de cavalo? Prefiro Zumbis que comem gente e tem a ver com o fim do mundo. Desculpa!”

Mas vale citar que houve tempos, 13 anos atrás para ser mais preciso, que filmes de heróis da Marvel eram tidos como inadaptáveis para o cinema. Só Batman e Super-homem tinham conseguido espaço nas telas mundiais, enquanto apenas o Hulk havia conseguido algum sucesso e mesmo assim em uma série de TV. A adaptação do Capitão América para a TV não passou de um piloto inosso na Sessão da Tarde.

Com novas tecnologias digitais, os heróis da Marvel tomaram de assalto o cinema de forma devastadora. O que estou querendo dizer é que, se existem barreiras para que se façam boas

histórias envolvendo mitologia nacional, elas são tão consistentes quanto a roupa nova do imperador.

André Vianco, atual *golden boy* da literatura fantástica no Brasil, já utilizou curupiras bombados em seus livros e vendeu muito. Sem falar que trouxe os vampiros para o Brasil de maneira contundente e não houve problema nenhum nisso. Sem pensar muito, o premiado Max Mallman, criou uma lenda própria de imortais que praticam turismo histórico pelo mundo desde a invenção da escrita e acabam vivendo uma aventura no Rio de Janeiro em seu livro *Zigurate*.

O escritor Roberto Causo também desenvolveu um trabalho semelhante com o ótimo *A Sombra dos Homens* que não apenas tive a oportunidade de ler, como também presenciei uma avalanche de críticas cujo poder de fogo se concentrava não na qualidade do livro, mas no fato de usar a mitologia nacional como matéria prima para fantasia. Novamente é como se Causo estivesse querendo empurrar goela abaixo do leitor a “malévola droga da cultura nacional”.

Mas o golpe de misericórdia veio com o humilhante tapa na cara dado pelo norte-americano, Christopher Kastensmidt, que, morando em Porto Alegre, usou lendas nacionais, aquelas que não tinham graça para nós, e criou *The Elephant and Macaw Banner*, uma série de contos que estão ganhando reconhecimento internacional em revistas respeitadas, graças ao óbvio: o folclore brasileiro é riquíssimo para quem tem ambições literárias que vão além de criar uma aventura de RPG.

É importante enfatizar que não acho ruim ou errado um autor brasileiro escrever sobre elfos e anões e outros temas europeus. Primeiro porque nossas raízes históricas são tão europeias quanto africanas e indígenas. Não sou obrigado a escolher apenas uma. Depois porque criatividade precisa de liberdade. O problema é o preconceito, o ódio que alguns leitores e autores parecem sentir pelas temáticas nacionais.

Enfim, ser fã de Tolkien, C.S. Lewis e simpatizantes é quase

uma consequência do amor direto pela literatura fantástica, mas na hora de produzir alguma coisa, o escritor nacional deveria pensar em que tipo de reverência pretende render aos seus mestres. Imagine se os Beatles se contentassem em imitar Buddy Holly e não tentassem inventar mais nada?

Alguns tentam “inovar” de forma esquisita. Pegam os mesmos temas de Tolkien e dizem que “beberam das mesmas fontes”. Afinal, não foi Tolkien que inventou os elfos e os orcs. Aí saem coisas esquisitas como elfos peludos que comem banana, orcs louros, vampiros que brilham no sol... Sei lá, não era melhor inventar algo novo ou talvez algo realmente criativo, ou pegar o velho tema e colocar uma boa história pelo menos?

Talvez esse artigo tenha um pouco de dor de cotovelo, afinal, pertencço muito mais ao seguimento de ficção científica, aquele tema que todos adoram ver no cinema, mas pouca gente lê. Mas não consigo ver vantagem em tentar clonar o texto de Tolkien 39 anos após sua morte.

Mas o que defendo é que ousadia e bagagem literária são marcas do bom escritor e vejo pouca coisa disso na fantasia brasileira atualmente. Se a ideia é homenagear mestre Tolkien, acho que o mestre merecia um pouco mais em seu aniversário de 120 anos, concorda?

Biografias

MIGUEL CARQUEIJA

É um veterano autor carioca de ficção científica e que com o tempo foi trabalhando também com outros gêneros, como o terror e a alta fantasia. Publicou 15 livros individuais, entre eles “A Esfinge Negra” (Edições Hiperespaço, 2003), “O fantasma do apito” (Edições Scarum, 2007, segunda edição em 2010), “Farei meu destino” (Giz Editorial, 2008, edição de papel e virtual), “Tempo das caçadoras” (Scarium, 2009) e o mais recente “Os mistérios do Mundo Negro” (Scarium, 2011, coautor Gabriel Coelho). Pela internet publicou “As portas do magma” (Scarium, 2008, coautor Jorge Luiz Calife) e “O fator caos” (Portal Cranik, 2010). Seu conto “O tesouro de Dona Mirtes” foi filmado em curta-metragem em 2004 e está disponível no youtube.

CESAR ALCÁZAR

Nasceu em Porto Alegre, no ano de 1980. Encontrou na literatura uma forma de exteriorizar seus devaneios aventureiros e sombrios. Participou das antologias “Sagas Vol. 1 Espada e Magia”, “Draculea – O livro secreto dos vampiros” e “No mundo dos Cavaleiros e Dragões”. É autor do livro “Cemitério perdido dos Filmes B” (como Cesar Almeida) e um dos criadores da Argonautas Editora. Em 2012, organizou a I Odisseia de Literatura Fantástica em Porto Alegre.

TIBOR MORICZ

Filho de húngaros, é um paulistano nascido em 1959. Publicitário e escritor, publicou Síndrome de Cérbero (2007), Fome (2008) e O Peregrino – em busca das crianças perdidas (2011). É um dos autores e organizadores dos dois primeiros volumes da coleção Imaginários e capitão do bem sucedido blog internacional de entrevistas ficcionais From Bar to Bar. Premiado em concursos literários, tem contos publicados nas coletâneas Contos Imediatos (Editora Terracota), Dieselpunk (Editora Draco) e 2013: Ano Um (Editora Ornitorrinco).

DUDA FALCÃO

É escritor e editor. Desde 2009 participou de mais de 20 antologias. O seu primeiro romance, intitulado Protetores, será lançado em 2012 pela Editora Underworld. É um dos dois editores da Argonautas Editora. Em 2012, organizou a I Odisseia de Literatura Fantástica em Porto Alegre.

ÁLVARO DOMINGUES

Atuante no meio da ficção científica e autor do Blog do Pai Nerd, sempre cavou o seu espaço em sites e revistas técnicas para publicar contos que investigam a fundo a mente humana até reunir material suficiente para um livro. É autor de Sombas e Sonhos (Balão Editorial).

CLINTON DAVISSON

É jornalista, escritor, presidente do Clube de Leitores de Ficção Científica do Brasil e autor da saga Hegemonia onde usa descaradamente fadas taradas, sereias feministas (que subjugam os machos da espécie) e dragões com problemas existenciais, além de uma raça de gambás maconheiros.

LIDIA ZUIN

É jornalista e mestrandia em Comunicação e Semiótica. Autora de contos publicados pelas editoras Draco (Imaginários vl. 3, Meu Amor é um Anjo, Space Opera II) e Estronho (Steampink), pesquisadora em comunicação e cultura, entusiasta cyberpunk e autora dos blogs Fiercekrieg e KunstistKrieg.



SOMNIUM

